

TERRORISMO

Os atentados registrados no mês de julho na Inglaterra e no Egito lembraram a todos que o terrorismo continua tramando em silêncio a morte de inocentes pelos quatro cantos do mundo. O medo marcou outro ponto, quando um jovem eletricitista brasileiro, residente em Londres, foi alvejado com oito tiros à quei-

ma-roupa pela polícia londrina, numa estação do metrô. Passado o choque inicial, parece que algumas autoridades começam a contabilizar incidentes como este na cota das tragédias inevitáveis.

À impotência dos sistemas de segurança e ao descontrole das ações policiais, somam-se ainda um irreversível proces-

so de cerceamento das liberdades individuais e o aumento das manifestações veladas de intolerância e racismo. Tanto nos países desenvolvidos, quanto em regiões mais pobres, as vítimas anônimas servem de justificativa para mais medidas, mais armas, mais desconfiança e, claro, mais medo.

Buscando compreender os mecanismos que movem as ações terroristas, o Jornal da Universidade convidou para uma reflexão dois professores da UFRGS, uma cientista política e um psicólogo que, de suas respectivas áreas de conhecimento, procuram analisar diferentes aspectos deste terrível fenômeno.

Por quê o terrorismo?

Céli Regina Pinto

Cientista política e diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Para se entender as questões envolvidas no terrorismo, se faz necessário tomar distância de posturas maniqueístas, que buscam identificar os algozes e as vítimas, diabolizando os primeiros e santificando as segundas.

O terrorismo faz parte de um conjunto de ações, que substitui a política pela violência, quando a arte da negociação, entre parceiros que se reconhecem legítimos, perde as condições de possibilidade. Tomando os séculos XX e XXI temos muitos exemplos: a violência regulada por tratados internacionais, das guerras entre Estados como a I e a II Guerras; a violência das invasões de exércitos poderosos em países fragilizados, Hungria, Tchecoslováquia, Camboja, Vietnã e, mais recentemente, Afeganistão e Iraque. Em qualquer uma das situações acima a barbárie tomou proporções alarmantes: por questões ideológicas, por racismo, por puro interesse econômico foram mortos milhões e milhões de pessoas, combatentes e população civil.

Fora as guerras e as invasões, identificam-se duas outras formas de substituição da política pela violência: a guerrilha e o terrorismo. A guerrilha tem três espaços de aparecimento: quando um grupo não reconhece o pacto político como legítimo; quando o espaço da política se reduz drasticamente; quando um país é invadido e perde sua capacidade de reagir organizadamente. Exemplos do primeiro tipo foram as guerrilhas, que deram origem aos regimes comunistas em Cuba e na China, a guerrilha de Che Guevara na selva boliviana, dos Tupamaros no Uruguai e dos Montoneros na Argentina. O segundo tipo foi a que se instaurou na América Latina durante os regimes militares, no momento em que todos os canais políticos estavam fechados, como foi o caso da guerrilha do Araguaia no Brasil. A terceira forma de guerrilha tem como exemplos mais fortes as ações na atualidade no Afeganistão e no Iraque, contra os invasores norte-americanos e aliados.

Examinando estas diferentes ações, encontra-se uma característica comum: em todas, há objetivos a alcançar: vencer o inimigo em uma guerra; livrar o país de um invasor; derrotar um regime militar, implantar um processo revolucionário.

Descritas, pois, todas estas ações, o que cabe é perguntar no que o chamado terrorismo diferencia-se delas? Há realmente um fenômeno chamado terroris-

O terrorismo é a completa negação do outro, é uma ação que não busca a vitória

mo? O que o caracteriza e o diferencia dos demais? Por que, afinal, existe? O terrorismo é uma ação de violência cuja racionalidade está na irracionalidade do próprio ato. E a irracionalidade é o entendimento de quem sofre o ato, devido à racionalidade muito particular de quem o pratica. Buscar a racionalidade de

quem o pratica é responder a pergunta, por que o terrorismo? O terrorismo é a completa negação do outro, é uma ação que desloca o inimigo, porque não busca a vitória (o que se encontra na ação de guerrilha), mas a desorganização de um inimigo difuso, na medida em que qualquer um, independente de posição política, crenças, pode ser alvo desta ação. Sem poder político, sem projeto possível, presentes na guerra, no invasor e no guerrilheiro, o terrorista expõe sua fragilidade frente a um mundo organizado à sua revelia, matando pessoas comuns e matando a si próprio. O terrorismo é o ato por excelência da desorganização do outro, da construção do medo. É a última e mais primária reação ao poder do outro e, talvez, exatamente por isto, a mais assustadora. ■

Corações e mentes

Edson Luiz André de Sousa

Professor do Instituto de Psicologia e do PPG em Psicologia Social

Se não vemos o detalhe não vemos nada. Por trás dos fatos que se resumem depois de um tempo na manchete em caixa alta e alguns restos de imagem, o que sobra? A razão resiste e tenta alinhar algum argumento com os destroços da explosão.

São muitas as explosões. A série: Nova York, Madrid, Londres. Mas também podemos esboçar outras séries possíveis, mesmo que sob outras lógicas: Indochina, Vietnã, Iraque ou ainda Carandiru e a chacina dos moradores de rua em São Paulo ocorrida em agosto de 2004.

Claro, nada se compara quando o eixo é o sofrimento. Não quero comparar. O sofrimento maior é sempre das vítimas: os que morrem absurdamente em um ônibus indo para o trabalho de manhã, ou atingido em sua casa por uma bomba de aviões militares potentes.

Assim, neste último atentado em Londres todos somos vítimas potenciais, mesmo que a explosão tenha acontecido a milhares de quilômetros. O prefeito de Londres, Ken Livingstone,

Os monstros terroristas não caíram do céu. Foram alimentados por governos cegos

foi categórico: "Acho que teremos que ser super-vigilantes pelo resto de nossas vidas". A barbárie ameaça vencer na aposta do máximo de destruição possível.

O fracasso é de todos, a miséria espiritual de uma realidade excessiva que explode corpos, vidas, liberdade por um pouco de espaço nas manchetes. Há uma

guerra de afetos aquecida, mesmo que involuntariamente, pelo fascínio das mídias. Vemos explosões que buscam visibilidade, numa disseminação absurda do pânico. Corações e mentes alucinadas que detonam explosivos, sucumbindo juntos na realidade que compartilhamos lado a lado, mesmo que nossos mundos sejam tão diferentes. Os monstros terroristas não caíram do céu. Foram alimentados e construídos pelas políticas cruéis de tantos governantes cegos. Encontrar estratégias de resistência é imperativo, já que o caos do horror não se apaga nem com todo o armamento do mundo, nem com toda a polícia e o exército nas ruas.

Os terroristas do século XXI não são mais os seqüestradores de aviões que ainda davam um espaço a alguma palavra, quando queriam negociar as trocas de reféns por prisioneiros. Hoje, os aviões explodem sem aviso prévio, e o deslocamento mais cotidiano dentro de um metrô pode ser uma condenação à morte insana e injustificada.

Londres mostra nossa deriva. Do subterrâneo do primeiro metrô do mundo, traço do progresso à barbárie contida nas microtecnologias da morte que explodem dentro de qualquer mochila pequena. E diante das cinzas, o que fazer? Tony Blair, na cúpula do G8 anuncia no dia seguinte ao ataque terrorista uma ajuda anual de 50 bilhões de euros à África e o cancelamento da dívida dos países mais pobres. Não pensem que esta é uma vitória do terror. Os terroristas que explodem torres nem mesmo ficaram vivos para esperar por tempos melhores. Não esperam mais nada, e por isto são capazes de tudo.

Esta estratégia dos países ricos é mais uma tática de guerra diante da inevitável constatação de que o labirinto dos miseráveis é terreno fértil para líderes sedentos de poder disseminarem o ódio e o fanatismo.

A guerra contra o terror será perdida se não tocarmos os corações e mentes daqueles que potencialmente virão a produzir novas bombas. ■



ARTE: JOSÉ PEDRO BORTOLINI